

FIÓDOR
DOSTOIÉVSKI

O eterno marido

Tradução do russo, apresentação e notas de
RUBENS FIGUEIREDO



COMPANHIA DAS LETRAS

Apresentação

RUBENS FIGUEIREDO

Dostoiévski escreveu *O eterno marido* no final de 1869, na cidade alemã de Dresden, para onde tinha viajado a fim de escapar da pressão dos muitos credores. O romance foi publicado logo a seguir, no início de 1870, em dois números da revista russa *Zariá* [Aurora], em São Petersburgo. O escritor tinha 48 anos e estava casado com a jovem Anna Grigórievna Snítkina havia apenas dois anos. Em Dresden, sua esposa teve a segunda filha do casal — a primeira morrera pouco depois de nascer.

A despeito dos esforços de sua mulher para organizar a vida da família, Dostoiévski se envolvia em dívidas tremendas, circunstância agravada pela atração que os cassinos exerciam sobre ele quando estava fora da Rússia. Por isso a negociação em torno do romance *O eterno marido* o deixou exasperado com o editor de *Zariá*. “Será que ele não entende como tudo isso é insultuoso para mim? [...] Só um *bárin** se comporta assim com seu lacaios.” Foi com palavras desse teor, repetidas muitas vezes, e ainda mais virulentas, que ele extravasou seu rancor e seu orgulho ferido numa carta a um amigo.

Bem ou mal, a negociação foi fechada e Dostoiévski, coagido pelas circunstâncias, escreveu o romance em três meses. “Odiei essa história desde o começo”, lamentou-se

* Grande senhor de terra, de linhagem muito antiga.

numa carta à sobrinha. Alegava que gostaria de poder se dedicar ao projeto de um romance de grandes proporções sobre o ateísmo, que afinal nunca foi escrito. No entanto, *O eterno marido* foi muito bem recebido. O importante crítico Strákhov classificou-o como “uma de suas obras mais elaboradas, interessantes e profundas”. Nos poucos anos imediatamente anteriores, o escritor já havia publicado *Memórias do subsolo*, *Crime e castigo*, *O jogador* e *O idiota*. Após *O eterno marido*, vieram *Os demônios* e *Os irmãos Karamázov*.

É importante lembrar que a década de 1860 foi especialmente movimentada na literatura russa. Tinha se iniciado com a publicação do clássico *Pais e filhos*, de Turguêniev, e estava terminando com o lançamento das últimas partes de *Guerra e paz*, de Tolstói. Foi também marcada pela emancipação dos servos, em 1861, e pela aceleração das reformas que o regime tsarista implementava, em ritmo constante, para aprofundar a introdução das relações capitalistas na sociedade russa, de estrutura fortemente agrária, tida como arcaica. A mesma época presenciou, também, a ascensão de movimentos revolucionários, que já vinham se manifestando havia décadas, mas ganharam, então, um teor mais contundente e sistematizado.

Talvez isso explique, em parte, a relativa irritação de Dostoiévski por ter de escrever *O eterno marido*, pois o livro o afastava, por um tempo, da vasta e rica polêmica em curso à sua volta. Afinal, o tema da infidelidade conjugal em si não parece dizer, diretamente, grande coisa sobre o quadro histórico dramático que se desenrolava no Império Russo. Mas aqui talvez caiba formular a questão ao contrário: que tipo de luz aquela experiência histórica inédita poderia projetar sobre o tema literário do marido enganado?

Entre as matrizes da composição narrativa de Dostoiévski, pesavam bastante o folhetim, o melodrama e a

linguagem teatral. O crítico soviético Leonid Grossman foi certo quando aproximou a obra de Dostoiévski do “romance romântico tardio de base realista” (Victor Hugo, Eugène Sue, George Sand e o jovem Balzac). Entre encontros, sumiços e desencontros inesperados, explosões de furor que beiram o homicídio e repentinas efusões de afeto, *O eterno marido* se estrutura com base no confronto de apenas dois caracteres masculinos. As guinadas abruptas da ação denotam o influxo do folhetim. Os diálogos marcados por evasivas, indiretas, suspeitas e agressividade velada se nutrem das técnicas do melodrama e do teatro.

Porém, como de praxe na literatura russa, formas artísticas importadas, que desembarcaram prontas na cultura do país, receberam ali conteúdos e destinações alheios a suas origens. Em face de perspectivas históricas tão diversas daquelas em que nasceram, nos países ricos da Europa, tais formas artísticas se tornam instrumentos de abrangência e alcance redobrados. Por isso aquelas sociedades, que se julgavam mais avançadas e civilizadas, ao verem a si mesmas transfiguradas no rosto desafiador das obras russas, não conseguem deixar de reagir com espanto, perturbação e fascínio.

Sem abandonar de todo o veio da malícia cômica que o tema do marido enganado suscita, Dostoiévski, porém, impulsiona os movimentos mentais dos personagens em outro sentido. De um lado, há menos ciúmes do que ofensa e humilhação. De outro, o sentimento de superioridade tem menos agudeza que os tormentos da consciência culpada. Embora a esposa — a ponta do triângulo —, a rigor, não entre em cena diretamente, sua figura avulta com linhas que, em vez de leviandade, realçam força de caráter e independência. No fundo, a situação narrada no livro postula a condição da mulher na sociedade e o sentido do casamento na ordem burguesa. Pois, é óbvio, o pressuposto do marido enganado é o próprio casamento.

Os nomes dos protagonistas não são fortuitos: Trus-sótski deriva da palavra russa *trus*, “covarde”; Veltchaní-nov vem da raiz da palavra russa *velíki*, “grande”, “po-deroso”. A experiência de fixar caracteres em palavras específicas está patente no próprio título do romance: o “eterno marido” constitui um tipo de comportamento, assim como o “predador” e o “manso” — conceitos debatidos com fervor pelos dois protagonistas durante a narrativa. Na verdade, essa era uma das feições peculiares com que, às vezes, se apresentavam e se estruturavam as profundas polêmicas entre os intelectuais russos: tipos de caráter, que correspondem a posições relativas na sociedade, conceitos que o próprio Dostoiévski vinha discutindo, num enquadramento ficcional, em outros livros, como o “sonhador”, em *Noites brancas*, ou o “homem do subsolo”, nas *Memórias do subsolo*.

Pode-se dizer que *O eterno marido* se estrutura como uma série de confrontos entre rivais póstumos. Porém, se à primeira vista os dois tipos se apresentam contrastantes, com posições bem demarcadas, os desdobramentos das ações, das circunstâncias e das pressões da consciência os conduzem a movimentos ambíguos e até a repentinas trocas de posição. Figuras paralelas, quando tomadas no perfil estático das convenções literárias, na verdade avançam e recuam por caminhos entrecruzados, na dinâmica da vida concreta. Para tanto, contribui a construção dos diálogos com base em meias palavras e sentidos ocultos, que geram piques de tensão, seguidos de uma distensão, permeada, porém, de desconfianças e temores, que ficam pairando de um capítulo para outro.

Em *O eterno marido*, Dostoiévski realça a dialética da dominação e da humilhação, mediante um recurso linguístico de que o autor lança mão também em outros livros. Aqui, no entanto, ele é multiplicado e exacerbado até o caricato, até o grotesco. Trata-se da partícula russa -s, que pode ser acrescida ao final de certas palavras,

quando o falante deseja ressaltar sua condição de inferioridade social, cultural, intelectual, física ou qualquer outra, em relação ao interlocutor. Ou seja, voluntariamente, conscientemente, por temor, estratégia ou sentimento sincero, ele se rebaixa. No caso de *O eterno marido*, é claro, tal procedimento linguístico faz parte de um jogo agressivo e traiçoeiro, entremeado de esquivas e estocadas, que se misturam com abraços e beijos. Esta tradução fez o possível para que detalhes dessa ordem, presentes na esfera linguística, fossem preservados de alguma forma em nosso idioma. Pois o *bárin* e o *lacaio*, que Dostoiévski tanto repisou na carta que mencionei acima, espreitam o leitor por trás de quase todas as sílabas deste romance.

O eterno marido

VELTCHANÍNOV

O verão chegou e Veltchanínov continuava em Petersburgo além do esperado. Sua viagem para o sul da Rússia não tinha dado certo e não havia previsão para o andamento do processo. Esse processo — um litígio em torno de uma propriedade rural — havia sofrido uma reviravolta muito ruim. Apenas três meses antes, a causa parecia ser a coisa mais simples do mundo, quase incontestável; porém, de uma hora para outra, tudo mudou. “Sim, no geral, tudo começou a mudar para pior!” — foi essa frase que Veltchanínov passou a repetir toda hora, para si, com uma alegria rancorosa. Tinha contratado um advogado capaz, caro, famoso, e não poupava dinheiro; no entanto, em sua impaciência, e por desconfiança, cismou de tratar ele mesmo do caso: lia e redigia documentos que o advogado rejeitava por completo, percorria as repartições, tomava informações e, pelo visto, atrapalhava tudo; pelo menos, o advogado reclamava disso e pedia que viajasse para o campo. Só que ele não se decidia a ir para o campo. A poeira, a secura, as noites brancas de Petersburgo, os nervos irritados — era isso que o deliciava em Petersburgo. Seu apartamento ficava em algum lugar perto do Teatro Bolchói,* para onde tinha se mudado pouco tempo antes,

* Trata-se do Bolchói Kámieni Teatr, construído em 1783 e demolido em 1886. Não confundir com o Teatro Bolchói de Moscou.

e também não deu certo; “nada deu certo!”. Sua hipocondria aumentava a cada dia; mas já fazia tempo que ele tinha propensão à hipocondria.

Era um homem que tinha vivido muito e com intensidade, já estava longe de ser jovem, uns trinta e oito ou trinta e nove anos, e toda essa “velhice” — como ele mesmo se expressava — havia chegado a ele “de forma quase totalmente inesperada”; mas ele mesmo entendia que tinha envelhecido não na quantidade de anos, mas, por assim dizer, na sua qualidade, e que, se suas enfermidades já haviam começado, eram antes interiores que exteriores. Na aparência, ainda continuava jovem. Era um rapaz alto e firme, de cabelo louro claro, espesso e sem nenhum fio grisalho na cabeça nem na barba loura e comprida, que batia quase na metade do peito; à primeira vista, parecia um tanto tosco e desleixado; porém, depois de observarmos com mais atenção, logo distinguíamos nele um senhor que se portava de forma excelente e que recebera, em outros tempos, a educação da mais alta sociedade. As maneiras de Veltchanínov, também agora, eram desenhadas, arrojadadas e até graciosas, apesar de todo o mau humor e desmazelo que ele havia adquirido. E mesmo até agora, era cheio da mais inexorável, da mais aristocrática e insolente empáfia, de cuja dimensão talvez nem ele mesmo suspeitasse, apesar de ser um homem não só inteligente como, às vezes, sensato, quase culto e com talentos indiscutíveis. A pele de seu rosto, franco e ruborizado, se distinguia, no passado, por uma delicadeza feminina e atraía a atenção das mulheres; e, ainda agora, alguém que olhasse para ele diria: “Que homem vigoroso, está vendendo saúde!”. E, no entanto, esse “homem vigoroso” era cruelmente acometido pela hipocondria. Os olhos, grandes e azuis, uns dez anos antes, também tinham muito de vitoriosos; eram olhos tão radiantes, tão alegres e despreocupados, que não podiam deixar de atrair todos que cruzassem com eles. Agora, à beira dos quarenta

anos, o brilho e a simpatia quase se apagaram naqueles olhos, já rodeados por ligeiras ruguinhas; neles, ao contrário, se destacava o cinismo de um homem esgotado e não de todo virtuoso, a astúcia e, em geral, o sarcasmo, sem falar de uma nuance nova, que antes não existia: uma nuance de tristeza e de dor — uma espécie de tristeza difusa, como que indefinida, mas forte. Essa tristeza transparecia em especial quando ele ficava sozinho. E o estranho era que aquele homem buliçoso, alegre e alheio a tudo, de apenas dois anos antes, que contava histórias divertidas de forma tão prazerosa, agora não encontrava em nada o mesmo prazer que sentia ao ficar absolutamente sozinho. De propósito, se afastou de uma porção de conhecidos, dos quais poderia não ter se afastado, mesmo agora, apesar da desordem definitiva de suas condições financeiras. A verdade é que, nisso, a vaidade ajudou: com sua desconfiança e vaidade, era impossível tolerar os antigos conhecidos. Porém, na solidão, sua vaidade começou a se transformar, pouco a pouco. Ela não diminuiu, pelo contrário; mas começou a degenerar num tipo especial de vaidade, que antes não existia: às vezes, ele sofria por motivos completamente distintos dos que antes eram habituais — por motivos inesperados, antes impensáveis, por motivos “mais elevados” dos que existiam até então —, “se é que é possível exprimir-se assim, se é que, de fato, existem motivos superiores e inferiores...”. Isso já era ele mesmo que acrescentava.

Sim, ele chegou também a esse ponto; agora, ele se afligia por sabe-se lá que motivos *superiores*, nos quais, antes, nem parava para pensar. Em pensamento, e na consciência, ele chamava de superiores todos os “motivos” de que (para sua surpresa) não conseguia rir, no íntimo — algo que, até então, nunca havia acontecido... no íntimo, é claro; ah, sim, em sociedade, era outra história! Ele sabia muito bem que bastava se apresentarem as circunstâncias para que, logo no dia seguinte, apesar de

todas as decisões secretas e piedosas de sua consciência, ele mesmo, em voz alta e clara, renegasse, com a maior tranquilidade, todos aqueles “motivos superiores”, e ele mesmo seria o primeiro a rir disso, sem admitir nada, é claro. E, de fato, era assim mesmo, apesar de certa dose, até bem significativa, de independência de pensamento que ele havia conquistado, nos últimos tempos, sobre os “motivos inferiores”, que o dominavam até então. E quantas vezes ele mesmo, ao se levantar da cama, de manhã, começava a sentir vergonha dos pensamentos e sentimentos que havia experimentado durante a noite de insônia! (E, em geral, vinha sofrendo de insônia.) Já fazia tempo que tinha notado como se tornara extremamente desconfiado de tudo, do que era importante e também de ninharias, e por isso resolveu confiar o mínimo possível em si mesmo. Ainda assim, se destacavam certos fatos cuja existência real seria impossível negar. Ultimamente, às vezes, à noite, seus pensamentos e sensações quase sempre se transformavam a tal ponto, em comparação com os habituais, que, na maior parte, não tinham mais nenhuma semelhança com aqueles que tinham se oferecido a ele na primeira metade do dia. Aquilo o impressionou — e ele chegou até a consultar um médico famoso, na verdade um conhecido seu; naturalmente, começou a falar com o médico em tom de brincadeira. Recebeu a resposta de que a mudança e até o desdobramento dos pensamentos e das sensações nas horas de insônia e nas noites, em geral, é um fato comum entre pessoas “que pensam com força e sentem com força” e que, sob o efeito melancólico da noite e da insônia, as convicções de toda uma vida às vezes são substituídas, de uma hora para outra; de repente, sem mais nem menos, são tomadas as decisões mais fatais; porém, é claro, tudo tem um limite — e se, enfim, esse paciente já sente demais esse desdobramento dentro de si mesmo e, desse modo, o processo acarreta sofrimento, então já se trata de um sintoma de que a doença está

instalada; portanto, é preciso tomar alguma providência. O melhor é mudar de forma drástica o modo de vida, variar a dieta ou até fazer uma viagem. Naturalmente, recomenda-se um laxante.

Veltchanínov nem quis mais ouvir; mas, para ele, a doença ficou absolutamente comprovada.

“Portanto, tudo isso não passa de uma doença, toda essa história de ‘superior’ é só uma doença e mais nada!”, exclamava às vezes, para si mesmo, em tom sarcástico. Mas não tinha muita vontade de admitir nada disso.

Todavia, em pouco tempo, aquilo que acontecia exclusivamente à noite passou a se repetir também de manhã, só que com mais amargura do que à noite, com rancor em vez de remorso, com escárnio em vez de ternura. Na realidade, eram vários incidentes de sua vida e do passado remoto que vinham à memória de modo cada vez mais constante, “sem ninguém esperar e só Deus sabe por quê”, porém de forma um tanto especial. Veltchanínov, por exemplo, já fazia tempo que se queixava de falta de memória: esquecia o rosto de pessoas conhecidas que, por isso, ao encontrá-lo, ficavam sentidas; um livro lido meio ano antes acabava esquecido nesse intervalo, às vezes por completo. Pois bem, então, apesar dessa evidente perda cotidiana de memória (que muito o inquietava), como é que tudo que dizia respeito ao passado remoto, tudo que tinha acontecido dez, quinze anos antes e que estava completamente esquecido, agora, às vezes, lhe vinha à memória de repente, e com uma nitidez de impressões e de pormenores tão assombrosa tal qual se ele estivesse vivendo aquilo tudo outra vez? Alguns dos fatos lembrados estavam esquecidos a tal ponto que lhe parecia nada menos que um milagre que pudessem voltar à memória. No entanto, isso ainda não era tudo; pois, entre pessoas que viveram de forma intensa, quem é que não tem lá suas recordações? Mas a questão era que todas as lembranças voltavam, agora, como que preparadas por alguém, e de um ponto de vista absolutamente

novo, inesperado e de todo inconcebível, na realidade. Por que será que certas lembranças, agora, lhe pareciam totalmente criminosas? E não se tratava de meros veredictos de sua mente: ele não confiaria em sua mente sombria, solitária e mórbida; mas sim de algo que o levava à maldição e à beira das lágrimas, senão exteriores, pelo menos interiores. E, no entanto, apenas dois anos antes, ele nem acreditaria se lhe contassem que ia chorar um dia! Aliás, no início, as lembranças eram antes cáusticas que sentimentais: recordava certos fracassos mundanos, humilhações; por exemplo, lembrava como tinha sido “caluniado por um intrigante” e, por causa disso, parou de ser recebido numa certa residência — ou como, por exemplo, e nem fazia tanto tempo assim, tinha sido ofendido em público, de forma taxativa, e não tinha exigido um duelo — ou como, certa vez, lhe aplicaram um epigrama espirituosíssimo numa roda de mulheres lindas, e ele não encontrou o que responder. Lembrou-se até de duas ou três dívidas que não pagara, ninharias, na verdade, mas dívidas de honra, e para pessoas com quem ele deixara de ter relações amistosas e das quais até falava mal. Também o atormentava (mas só nos piores momentos) a lembrança de duas fortunas, ambas consideráveis, desperdiçadas da maneira mais idiota. Mas logo começava a recordar, também, as coisas “superiores”.

Por exemplo, de repente, “sem mais nem menos”, veio à sua memória a figura esquecida — e esquecida no mais alto grau — de um funcionário velhinho e bondoso, grisalho e divertido, que ele havia ofendido um dia, muito tempo antes, em público e de forma impune, e apenas para se mostrar: só para não perder a ocasião de fazer um trocadilho engraçado e feliz, que lhe trouxe fama e que, depois, foi repetido por outros. O fato era que ele tinha esquecido aquilo a tal ponto que nem o sobrenome de família daquele velhinho ele conseguia lembrar e, no entanto, ele viu instantaneamente em pensamento todas as circunstâncias do incidente com uma clareza in-

concebível. Lembrou com nitidez que o velhinho tinha saído em defesa da filha, a qual morava com ele, estava demorando demais a casar e sobre a qual, na cidade, começaram a circular uns boatos. O velhinho bem que começou a responder e zangou-se, mas de repente desatou a chorar e soluçar diante de todos, o que produziu até certa impressão. Por diversão, acabaram embriagando o velhinho com champanhe e riram até se fartar. E agora, quando Veltchanínov se lembrou, “sem mais nem menos”, de como o velhote chorava e cobria o rosto com as mãos igual a uma criança, de repente teve a impressão de que nunca tinha esquecido aquilo. E era estranho: tudo lhe pareceu muito ridículo, na ocasião; já agora era o contrário, e justamente os pormenores, justamente o fato de cobrir o rosto com as mãos. Depois lembrou que, só de brincadeira, tinha caluniado uma mulher bonita demais, esposa de um professor de escola primária, e a calúnia chegou aos ouvidos do marido. Veltchanínov tratou logo de fugir da cidadezinha e não soube, na época, quais as consequências de sua calúnia, mas agora, de repente, se pôs a imaginar a imaginá-las — e só Deus sabe até onde chegaria sua imaginação, se de repente não tivesse surgido uma lembrança muito mais próxima, de certa moça, gente modesta da cidade, que até nem lhe havia agradado e que, ele admitia, até lhe dava certa vergonha, mas com quem, sem que ele mesmo soubesse a razão, teve um filho, e assim, do nada, abandonou a moça e o bebê juntos, sem nem sequer se despedir (na verdade, não teve tempo), quando partiu de Petersburgo. Depois, ele procurou essa moça por um ano inteiro, mas já não houve meios de encontrá-la. Aliás, recordações como essas surgiam quase às centenas — e parecia até que cada recordação puxava, atrás de si, dezenas de outras. Pouco a pouco, também sua vaidade começou a sofrer.

Já dissemos que sua vaidade havia degenerado em algo especial. E com razão. Havia momentos (raros, aliás) em

que ele chegava, por vezes, a tamanho alheamento que nem sentia vergonha de não ter uma carruagem própria, de jogar seu tempo fora percorrendo a pé as repartições, de se tornar um pouco negligente com o vestuário — e se acontecia de algum velho conhecido, na rua, medir sua figura com um olhar irônico ou simplesmente cismar de fingir que não o reconhecia, então, juro, ele ainda tinha empáfia suficiente para nem sequer franzir a testa. E era a sério, de verdade, que não franzia a testa, não era só para manter as aparências. Claro, era raro que isso acontecesse, não passavam de alguns minutos de alheamento e irritação e, mesmo assim, pouco a pouco, sua vaidade foi deixando para trás as antigas razões para se concentrar numa questão que lhe vinha à cabeça sem parar.

“Pois então”, começava a pensar, às vezes, em tom de sátira (e, quando pensava em si, quase sempre começava de modo satírico), “pois então existe alguém, lá no outro mundo, que se preocupa com a correção da minha moral e me envia essas malditas recordações e ‘lágrimas de remorsos’. Dane-se, não adianta nada! Tudo isso são tiros de festim! Ora, é como se eu não soubesse com certeza, e com certeza mais do que certa, que, apesar de todas essas lágrimas de remorso e autocondenações, não há em mim nem um pinguinho de independência, apesar de todos os meus tolíssimos quarenta anos! Pois se amanhã me acontecer outra tentação como essas, se de novo se apresentarem, por exemplo, circunstâncias em que seja vantajoso, para mim, espalhar fofocas, como dizer que a mulher do professor aceitou meus presentes — eu vou espalhar mesmo, com certeza, e sem hesitar —, e a coisa vai ser pior ainda, mais prejudicial do que na primeira vez, porque já vai ser a segunda vez, e não a primeira. Ora essa, que venha me insultar de novo, agora, aquele príncipezinho, filho único da mamãe, em quem, há onze anos, dei um tiro e fiz perder a perna — ele que venha, que na mesma hora vou desafiá-lo para um duelo e dar-lhe outra perna

de pau. Porque não iam ser tiros de festim — para o que é que eles servem? E para que serve recordar, quando não sou capaz sequer de me desembaraçar de mim mesmo de forma decente?”

E ainda que não se repetissem os incidentes com a mulher do professor, ainda que ele não pusesse ninguém numa perna de pau, só a ideia de que aquilo tinha de se repetir necessariamente, caso as circunstâncias se apresentassem, quase o matava... às vezes. De fato, ninguém vai ficar sofrendo o tempo todo com as recordações: é possível descansar e se distrair nos entreatos.

Assim fazia também Veltchanínov: ele estava disposto a se distrair nos entreatos; porém, quanto mais o tempo passava, mais desagradável se tornava sua estada em Petersburgo. Julho já estava perto. Às vezes, se esboçava a decisão de largar tudo, abandonar até o processo na justiça e ir embora para qualquer lugar sem olhar para trás, de qualquer maneira, de repente, às cegas, nem que fosse para a Crimeia, por exemplo. Só que, em geral, uma hora depois, ele já desprezava sua ideia e ria dela: “Já que começaram, essas ideias nojentas não vão mais parar, nem lá no sul, por mais que eu seja uma pessoa de alguma decência, e portanto não adianta nada fugir delas, nem há motivo”.

“E fugir para quê?”, continuava a filosofar, com angústia. “Aqui é tão poeirento, tão abafado, nesta casa tudo é tão encardido; nessas repartições em que eu jogo meu tempo fora, no meio de todas essas pessoas tão ativas — que agitação de ratos, que confusão de feira de rua; em toda essa gente que fica na cidade, em todos esses rostos que se veem de relance, da manhã até a noite, está inscrito, de forma tão ingênua e franca, todo o seu amor-próprio, toda a sua insolência inocente, toda a covardia de suas alminhas, todo o medo galináceo de seus coraçõezinhos — que, juro, isto aqui é o paraíso do hipocondríaco, e estou falando do modo mais sério do mundo! Tudo explícito,

tudo às claras, nem acham necessário esconder nada, como acontece por aí com nossas damas, nas casas de campo ou nas estações hidrominerais no exterior; portanto, tudo é imensamente digno do mais absoluto respeito, só pela franqueza e pela simplicidade... Nunca irei embora! Que eu me arrebente todo aqui, mas nunca irei embora!...”